

ARTIGO

POR QUE USAMOS PALAVRÕES NAS INTERAÇÕES?

(Why do we use profanity in interactions?)

(¿Por qué usamos palabrotas en nuestras interacciones?)

Alban Aminou Zossou¹
(Universidade do Porto)

Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues²
(Universidade de Brasília)

Recebido em: maio de 2022
Aceito em: setembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i2.43425

¹ Doutorando em Ciência da Linguagem (Linguística) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Mestre em Sociolinguística pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do Grupo de Pesquisa ALEA e do Projeto ROTAS (UnB). E-mail: albanio2015@gmail.com.

² Pós-doutora em Sociolinguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL-UnB). Líder do Grupo de Pesquisa ALEA e do Projeto ROTAS (UnB). E-mail: ulisdete@gmail.com.

RESUMO

O uso de palavrões é um fato de interação, apesar de as pessoas desprezarem ou não assumirem sua presença nos diferentes contextos de interação cotidiana. Nesse sentido, buscando entender o uso de palavrões no ato interacional, coletamos dados a partir de um questionário de percepção aplicado a participantes de diferentes perfis sociais. A análise baseou-se na Sociolinguística Interacional com foco nos postulados de contexto de enunciação de Hanks (2008). A relevância deste estudo reside na importância social e no interesse acadêmico em relação ao uso de palavrões na sociedade e ao desprezo social relativo a esse recurso expressivo da linguagem.

Palavras-chave: Palavrão. Interação. Análise conversacional. Sociolinguística Interacional.

ABSTRACT

The use of profanity is a fact of interaction, although people despise or do not assume their presence in the different contexts of everyday interaction. In this sense, seeking to understand the use of profanity in the interactional act, we collected data from a perception questionnaire applied to participants from different social profiles. The analysis was based on Interactional Sociolinguistics focusing on the postulates of Hanks enunciation context (2008). The relevance of this study lies in the social importance and academic interest in relation to the use of profanity in society and the social contempt related to this expressive resource of language.

Keywords: Expletive. Interaction. Conversational analysis. Interactional Sociolinguistics.

RESUMEN

El uso de palabrotas es un hecho de interacción, aunque las personas desprecian, o no asumen su presencia en los diferentes contextos de interacción cotidiana. En este sentido, buscando comprender el uso de palabrotas en el acto interaccional, recogimos datos de un cuestionario de percepción aplicado a participantes de diferentes perfiles sociales. El análisis se basó en la Sociolingüística Interaccional centrándose en los postulados del contexto de enunciación de Hanks (2008). La relevancia de este estudio radica en la importancia social y el interés académico en relación con el uso de palabrotas en la sociedad y el desprecio social relacionado con este recurso expresivo del lenguaje.

Palabras clave: Palabrota. Interacción. Análisis conversacional. Sociolingüística interaccional.

INTRODUÇÃO

Existe certa estranheza em torno do uso de palavrões, apesar de esse uso ser efetivo e presente nas interações diárias das pessoas. Esse fato social é confirmado e reiterado na manifestação do palavrão em diversos contextos de atos interacionais para expressar variadas mensagens, em especial aquelas carregadas de alto teor de emotividade que revelam a avaliação positiva ou negativa do falante quanto àquilo que diz. Diante desse cenário, decidimos estudar esse fenômeno com base na abordagem da Sociolinguística Interacional, com o intuito de explicar os elementos motivadores do emprego de palavrões nas interações sociais. O objetivo principal é entender o que leva as pessoas a usarem palavrões quando elas estão inseridas em uma interação.

Com tal propósito, no início deste estudo, elaboramos e aplicamos um questionário de percepção a 15 pessoas sem diferenciação de sexo, classe social, idade, escolaridade e profissão. Esses participantes (P) apresentam perfis diferenciados, compondo uma amostra aleatória, por considerarmos irrelevante especificar, classificar ou mesmo caracterizar nossos interlocutores. A

razão é simples: quase todos os falantes usam, de alguma forma ou em alguma situação, o chamado *palavrão* por mais que não assumam por completo esse uso. Assim, o objetivo do questionário foi delinear diferentes contextos pragmáticos de uso de palavrões e, sobretudo, entender o que leva as pessoas a utilizarem esses termos diante da avaliação e da não aceitação social desse uso.

As perguntas feitas aos participantes estão registradas no quadro 1.

Quadro 1. Questionário relativo ao uso de palavrões

1. Quais são os “palavrões” que você costuma usar mais?
2. Dê exemplo de sentenças nas quais você usa esses palavrões.
3. Em quais situações você usa esses palavrões?
4. Como você define o termo “palavrão”?

Fonte: autoria própria

Esse questionário foi aplicado por meio da plataforma *google forms*. Os participantes convidados para fazerem parte da pesquisa integram parte das nossas redes de relacionamentos, e isso fez com que, em apenas uma semana, tivéssemos o retorno do formulário. Ele serviu como ponto de partida para entendermos a percepção dos participantes de como realizam os palavrões e se fazem a ligação da significação desses palavrões nas situações de emprego bem como fora delas. Além disso, com o questionário, foi-nos possível investigar qual a noção do termo “palavrão” para cada participante, ou seja, a definição do termo na perspectiva de quem fala ou usa e não de quem recebe ou ouve.

Isso posto, no desenrolar deste estudo, na primeira seção, começaremos trazendo a literatura sobre a noção de contexto e sua relevância nos estudos de interação no âmbito sociolinguístico. E desenvolveremos, na segunda seção, a análise propriamente dita em partes que se completam, apresentando os elementos para análise interacional que compreendem as definições e categorizações dos dados até a análise da presença dos palavrões no discurso a partir da noção de contexto.

1. O CONTEXTO NO ATO INTERACIONAL

A sociolinguística interacional é uma abordagem da sociolinguística que tem como base a fala em uso, a fala em interação ou a fala em contexto. Para essa abordagem, a língua não é algo fixo, estável. Ela vive, ela se molda o tempo todo em acordos com as considerações contextuais que inferem na elocução e na interpretação das mensagens transmitidas durante o ato interacional.

O conceito de interação foi desenvolvido por autores tais como: William Labov, Gregory Bateson, Susan Philips, Erving Goffman, John Gumperz, William Hanks, entre outros, de acordo com

diversos postulados, fazendo com que cada um desses autores contribuíssem no entendimento, na compreensão e na interpretação do ato interacional. Nesse sentido, a interação que se faz em presença física dos interactantes está no centro dos estudos, porque a socialização acontece quando há interação que envolve as pessoas dentro de uma sociedade ou um grupo de pessoas. De fato, a interação face a face permite aos profissionais e analistas do ato interacional ter mais elementos de análise do que, por exemplo, uma interação via telefone, que não fornece os mesmos elementos. Isso não quer dizer que analisar a interação via telefone seja de menor relevância, ao contrário, tudo depende dos objetivos a serem atingidos.

Todas as abordagens desenvolvidas para o ato interacional colocam a noção de contexto ou de contextualização da interação em primeiro lugar, pois fornece quase todos os elementos de interpretação. Assim, a teoria de fala, as abordagens griceanas e a teoria da relevância postulam que o contexto é construído pela enunciação no momento da conversação. Por seu turno, a psicolinguística e a linguística cognitiva tratam a noção de contexto a partir do individualismo dos falantes (HANKS, 2008). Assim, essas abordagens reduzem a produção temporal dos falantes, o que dá ao contexto um caráter efêmero. Porém, nos estudos atuais de contexto, o coletivismo social é mais adequado para justificar e entender melhor a noção de contexto. Por isso, Hanks (2008, p. 174) define o contexto como:

Um conceito teórico, estritamente baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de como são construídos outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros.

Assim, a noção de contexto é entendida por outros autores com olhar para outros ângulos explicativos, mas sempre com o propósito da fala em uso. Assim, Gumperz (2003) traz o conceito de pistas de contextualização que são pistas de natureza linguística, paralinguística, prosódica, não verbal, entre outras, as quais recorremos para assinalar nossos propósitos de comunicação. Desse modo, entende-se que, ao interagir, as pessoas se comunicam através dos recursos linguísticos e também de qualquer ferramenta que possa contribuir para a boa interpretação pelo ouvinte. Nessa direção,

...as pistas de contextualização contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais, acionadas na inferência conversacional, que dependem, entre outras coisas, do conhecimento sociocultural dos participantes nem sempre partilhados (OLIVEIRA; PEREIRA 2016, p. 113)

Desse modo, Gumperz (2003) explica a noção de reconhecimento tácito em uma situação interacional, que é o olhar dos integrantes da conversa um sobre o outro. Goffman (2002, p.80)

elaborou o conceito de situação social que ele define como sendo “a arena física absoluta na qual as pessoas presentes estão ao alcance visual e auditivo umas das outras”. Dessa forma, as pessoas inseridas na interação precisam se ver e se ouvir. Isso se justifica quando sabemos que as pessoas passam mais informações além do que elas falam no momento da conversação. Em outras palavras, as informações expressas linguisticamente no ato de fala não são as únicas fontes de possível interpretação, pois os comportamentos não verbais são, também, potenciais fontes de comunicação de ações e intenções que podem ser entendidas apenas no reconhecimento visual dos interagentes inseridos na interação (TANNEN; WALLAT, 2002). O reconhecimento visual facilita e proporciona uma melhor interpretação e entendimento da fala de cada agente participante da interação. As expressões faciais dos interagentes, os gestos e a distância entre eles constituem inequivocamente elementos de base para interpretar as falas em um ato de interação (GOFFMAN, 2002).

Nessa mesma lógica de interpretabilidade de contexto no ato da conversação, Gumperz (2003) traz elementos da inferência conversacional que “é o processo de interpretação situado ou estabelecido no contexto, a partir do qual os falantes avaliam intenções, planejam e produzem respostas” (OLIVEIRA; PEREIRA, 2016, p. 112). Entende-se que, para que o interlocutor entenda por completo o falante em ato interacional, é preciso levar em consideração o contexto imediato do ato sem deixar de tomar como fonte as pistas linguísticas. Isso facilita a produção de respostas.

Como podemos perceber, no decorrer do tempo, as explicações em torno da noção de contexto se desenvolveram de acordo com diversas visões. Desse modo, uma visão mais recente com a qual pretendemos trabalhar nesta pesquisa é a de Hanks (2008). Para lidar de forma adequada com a noção de contexto, o autor criou três subconceitos: a situação, o cenário e o campo demonstrativo. A situação é definida como o lugar onde a interação acontece, por exemplo: universidade, aeroporto, hospital etc. O cenário, é definido como o momento da interação, o assunto da interação e as pessoas presentes quando a interação acontece. E, por fim, o campo demonstrativo é constituído pelos gestos e todos os aspectos visíveis dos participantes (postura, o ato de apontar, o direcionamento do olhar, o tom de voz etc.). Esses subconceitos se encaixam e representam a lógica da noção de contexto. Para o autor, no curso da vida social, esses elementos se encaixam, porque toda situação está ligada a um cenário e todo cenário não pode ser separado da semiose. Desse modo, esse encaixamento é necessário para entender a noção de contexto, conforme ilustram o Quadro 1 e a Figura 1 (no corpo do texto, as figuras, quadros e tabelas devem ser digitadas com a primeira letra em maiúscula, como mostrado neste parágrafo). Todo texto que segue após as tabelas, figuras ou quadros deve ser iniciado depois de uma linha em branco. O título dos quadros, tabelas ou figuras deve ter espaçamento simples entre linhas, como mostrado abaixo. Depois de cada quadro, figura ou tabela deve vir uma linha em branco.

2. DEFINIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DO TERMO PALAVRÃO

O palavrão está presente em todas as línguas e em todas as culturas de uma forma ou de outra (BUENO; ORSI, 2014), sendo, portanto, inegável que quase todo mundo use palavrão cotidianamente, na instância íntima ou pública, de modo comedido ou escrachado, escondido ou aberto. Para investigarmos sobre isso, apresentaremos, na tabela 1, definições dadas pelos participantes com o intuito de contrastá-las com a definição dos dicionários. Essa parte nos abrirá caminho para a compreensão desse uso.

Tabela 1. Definição do termo *palavrão* pelos participantes

No.	Registro de ocorrências
P ₁	Para mim, é uma interjeição! Termo que mais serve para pôr para fora uma explosão do que para identificar alguém ou alguma coisa. Qualquer palavra pode se transformar em palavrão se a intensidade da revolta escolher usá-la como palavrão, mas, em geral, o palavrão implica uma comparação com algo ruim, indesejável.
P ₂	Uma expressão feia, não educada e bastante informal, usada para enfatizar algo no discurso.
P ₃	São palavras de origem vulgar, geralmente sexual, que é considerada grosseria para parte conservadora da sociedade, principalmente religiosos. Com a finalidade de ofender ou divertir.
P ₄	Palavra feia e de baixo calão que não é aconselhável ser proferida em contextos formais, entretanto em momentos de irritação acaba saindo em voz alta, tornando-se então uma forma de aliviar o stress.
P ₅	A palavra certa para extravasar alguns dos sentimentos extremados do ser humano: espanto, dor, raiva, frustração... E por transmitir sentimentos intensos assim, normalmente não são ditos o tempo todo pelo falante ou o falante não confessa que os utiliza... até que a situação apareça!
P ₆	O termo palavrão poderia estar referindo a uma palavra grande, mas direcionamos a palavras de uso restrito a momentos de descontração ou que remetem a momento de impulso ou expressão de sentimentos de ira.
P ₇	Palavras censuradas ou censuráveis, normalmente relacionadas a sexo ou genitais e que todos usam mas são moralistas quanto a seu uso. Normalmente usadas em um contexto informal.
P ₈	Uma catarse.
P ₉	Formalmente a definição seria uma palavra grande, o aumentativo de palavra. O uso coloquial da linguagem dá a palavrão o sentido de palavras ou expressões usada para expressar sentimentos inexplicáveis, ou seja que falta palavras convencionais para expressar. Assim, indignação, raiva, medo, surpresa, dor e, até mesmo, alegria pode ser externado através de palavrões.
P ₁₀	Linguagem coloquial. Vulgar, mas ajuda a passar a raiva.

P₁₁	Expressão de cunho informal em que as pessoas usam no momento de raiva ou intolerância.
P₁₂	Palavras de ofensas ou baixo nível, termos que muitas vezes expressam sentimentos ou ideias ruins.
P₁₃	Palavras sobre as quais recaem preconceitos.
P₁₄	Palavras de baixo escalão que são utilizadas para expressar algum tipo de sentimento ou reação.
P₁₅	Palavra de baixo calão

Fonte: autoria própria

De acordo com as definições dadas pelos participantes ao termo *palavrão*, pudemos elaborar um quadro com os traços semânticos que o caracterizam. Desse modo, os possíveis traços semânticos depreendidos do *corpus* constam no quadro 2.

Quadro 2. Traços semânticos relativos aos palavrões segundo os participantes

<p>Palavra interjetiva Palavra feia, de baixa calão, de origem vulgar Palavra grande/pesada Palavra censurável ou censurada Palavra não assumida pelo falante Palavra para ofender ou divertir Palavra para expressar sentimentos diversos: da raiva à alegria</p>
--

Fonte: autoria própria

Assim, foram expostos os traços semânticos de palavrão, de acordo com o entendimento dos participantes da nossa pesquisa. Podemos notar aqui duas possíveis formas de interpretar esses traços. A primeira se refere ao desprezo social que há quanto ao uso de palavras consideradas como sendo palavrões, o que nos leva a reafirmar a nossa ideia de que uma parcela considerável da sociedade brasileira não se assume como usuário nos atos interacionais cotidianos. Em termos mais claros, todos os falantes usam, porém a maioria não se assume explicitamente como usuário.

A segunda possível interpretação que podemos fazer, levando em consideração esses dados, é que as pessoas recorrem a palavrões para expressarem diversos tipos de sentimentos. Em determinados contextos de interação, as pessoas sentem a necessidade de verbalizar seus sentimentos de forma intensa, expressiva; é isso que lhes confere a liberdade de se exprimirem como desejam no

contexto. Na língua portuguesa, usar palavrão é uma das formas mais precisas de dizer o que sentimos (ORSI, 2011).

Diante dessas definições que coletamos, queremos agora contrastá-las com as definições que estão nos dicionários. Utilizamos o dicionário online *Dicio.com*³. Ele define *palavrão* como palavra “obscena, grosseira ou pornográfica, cujo uso pode ofender a quem dela é alvo; palavrada”. O minidicionário HOUAISS (2015, p. 400) o define como: “Palavra obscena, grosseira; palavrada”. O dicionário AURÉLIO (2004, p. 603) o define como sendo: “Palavra obscena ou grosseira; palavrada.” Assim, as primeiras palavras que definem *palavrão* chamam a atenção. “Obscena, grosseira e pornográfica”. De acordo com essa interpretação, quando falamos de palavrão, estamos nos referindo a atos obscenos que são censurados ou devem ser censurados.

Desta forma, vale fazer entender que, o que se entende por palavrão tem duas perspectivas de interpretação e de definição. Uma perspectiva individual e prática, que é a do falante, e uma perspectiva coletiva e teórica, que é a do dicionário, desenvolvida em equipes e assinada por uma pessoa. A perspectiva do usuário e a perspectiva do dicionário destoam, porque, de acordo com os informantes, ao usarem palavrões nas suas interações cotidianas, eles expressam apenas sentimentos, enquanto os dicionários consultados atribuem ao uso o caráter restrito de pornográfico e obsceno.

Para enfatizar esse raciocínio, nos endereçamos à definição de outro dicionário online, *dicionarioinformal.com.br*⁴. Desta vez, trata-se de um dicionário de uso informal que define *palavrão* como sendo:

Um grupo de palavras que são consideradas, em meio a sociedade, vulgares e desnecessárias. São utilizadas para definir exageros, para xingamentos ou para expressar raiva.

Aqui, notamos que a definição dada para o termo *palavrão* não se reporta especificamente a atos pornográficos ou obscenos, como consta nos dicionários formais, mas, sim, remete a uma interpretação de expressão de sentimentos e de emoções. Nesse dicionário informal, portanto, podemos perceber uma aproximação de definição com as definições dos participantes.

Relativamente aos vocábulos utilizados para configurar a realização do palavrão e o número de ocorrências identificadas no conjunto de dados, organizamos a tabela 2, que também apresenta algumas das frases mais expressivas encontradas no *corpus*. Dentre os palavrões usados pelos participantes para narrarem ocorrências de uso ou recriarem situações em que usariam esses

³ <https://www.dicio.com.br/palavrao/> Consultado no dia 10 de maio de 2022.

⁴ <https://www.dicionarioinformal.com.br/palavr%C3%A3o/> Consultado no dia 10 de maio de 2022

vocábulos, elegemos os quatro mais destacados como pode ser observado na primeira coluna da tabela.

Tabela 2. Palavrões destacados e exemplos ocorrências no *corpus*

Palavrão	Exemplos
Porra	Porra, que susto! Que porra é essa? Não era pra derrubar isso aí, não, Porra! Porra, que lindo! Porra que demora! Porra vei... nada a ver isso aí. Porra, de novo? Sai da frente, porra.
Merda	O trabalho ficou uma merda! Tá de merda! Isso tá uma merda! Nossa, que merda! Que merda! Puta merda, viu?
Caralho	Caralho! Não acredito! Fulano está chato para caralho! Mas que caralho! Caralho, que loucura! Caralho mano, genial! Caralho, que foi isso?
Putaquepariu	Putaquepariu, estou com um azar da porra! Putaquepariu, que merda! Putaquepariu, deu tudo errado! Putaquepariu não aguento mais! Faz o gol, mano, putaquepariu! Putaquepariu que frio!

Fonte: autoria própria

O primeiro fato observado nas sentenças é que cada palavrão usado em cada sentença tem o propósito de expressar um sentimento específico. A mesma palavra aparece em diversas frases, mas não com a mesma intencionalidade em todas elas. Assim, podemos afirmar que cada palavrão expressa um sentimento ou uma emoção determinada e precisa dentro de um contexto de ação bem definido: raiva, alegria, tristeza, espanto, choque, admiração etc. Isso denota a versatilidade dos usuários para expressarem esses palavrões em diversos contextos, passando mensagens variadas com uma adaptação contextual precisa. Conforme assinala Guimarães (1995), o sentido é considerado dentro do funcionamento da linguagem no acontecimento da enunciação. De fato, é dentro do

contexto de uso que esses palavrões listados definem o entendimento que o ouvinte deve ter da presença deles, ou seja, o sentido dessas sentenças está na intenção do falante. Apenas esta intenção que importa no momento da fala, e aqui, percebemos que os falantes expressam, de fato, sentimentos e emoções.

De acordo com os vocábulos usados para exprimir os palavrões, procuramos organizá-los em categorias ou campos semânticos, como pode ser visto na tabela 3, destacando a frequência de ocorrências para indicam a abrangência e ordem de usos.

Tabela 3. Categorias ou campos semânticos dos palavrões no *corpus*

Campo semântico	Frequência
(1) Sexualidade	46,15%
(2) Excrementos	19,23%
(3) Falta de higiene	7,69%
(4) Outros	26,92%

Fonte: autoria própria

Diante desse quadro, nota-se que os palavrões pertencentes ao campo semântico da sexualidade são os mais frequentes nos costumes languageiros dos falantes brasileiros. Isso explica a avaliação social negativa ou, em outros termos, a recusa social de aprovar ou de assumir publicamente o seu uso, já que as questões sexuais são, ainda, assuntos tabus na maioria das sociedades do mundo. Aqueles relativos ao nome de excrementos seguem de perto, numericamente, os anteriores. Já os palavrões relativos à falta de higiene são menos frequentes nos hábitos linguísticos. Na categoria *outros* inserem-se vocábulos de categorização mais fluida, ou seja, que parecem ser considerados “menos palavrão” do que os outros porque caíram no uso comum e podem ser proferidos no dia a dia como xingamentos, em vários contextos interativos, sem avaliação social tão negativa quanto os dos campos de (1), (2) e (3).

3. ANÁLISE CONTEXTUAL

O refinamento dos estudos sobre o contexto é importante por expressar a precisão que liga os sistemas linguísticos, os processos cognitivos e o uso da língua, e, por conseguinte, como eles são co-articulados, vinculados. Como destacamos na primeira seção deste estudo, não há uma explicação estanque de contexto com o intuito de analisar dados linguísticos de interação; os diversos postulados

trazidos à tona justificam esse fato. Desse modo, pretendemos basear nossa análise nos postulados de contexto elaborados por Hanks (2008). Assim, as frases dos participantes da pesquisa serão analisadas explicando a adequação dos palavrões aos campos sociais proporcionados pelos cenários. O campo demonstrativo não será preciso, já que o caráter da pesquisa é de cunho perceptivo, para entender o imaginário do falante ao usar palavrões. Sendo assim, as explicações serão desenvolvidas considerando como o campo social e o cenário se encaixam para dar a precisão contextual que permite a interpretação exata do sentido dos palavrões. Consideramos como exemplo de base as sentenças seguintes:

Puta que pariu não aguento mais! (P 8, fala 4)

Puta que pariu, estou com um azar da porra! (P 3, fala 2)

O palavrão aqui usado é “puta que pariu”. O seu uso expressa fatos distintos, ou seja, nas duas sentenças, a mesma expressão possui caráter semântico diferenciado. Para fazer essa análise, vamos considerar como campo social “o lar familiar”, onde irmãos estão em uma conversa corriqueira. Imaginemos, então, um cenário para as sentenças: dois irmãos estão no quarto, enquanto os pais não estão em casa, conversando sobre decepções amorosas e problemas profissionais. Eis o contexto colocado.

Podemos imaginar que um irmão está desabafando com o outro sobre sua última decepção amorosa. Por ter passado várias vezes por situações semelhantes, por querer estar com alguém que o ame e por ser uma pessoa responsável que se dedica às suas relações amorosas; e por ainda não achar a chamada alma gêmea para compartilhar uma vida amorosa digna dos sonhos, esse irmão, no decorrer da conversa, solta a frase: “Puta que pariu, não aguento mais!”. Por meio dessa expressão, ele estaria demonstrando toda decepção e frustração por se dedicar tanto e nunca achar a pessoa certa para sua vida. Assim, a relevância topical, entendida por Hanks (2008) como a centralização no objeto e no assunto, foi cumprida, já que a fala do informante se enquadra perfeitamente ao assunto em discussão. Assim, as expectativas de compreensão mútua entre os dois irmãos se justificam e a intencionalidade expressiva é entendida pelo interlocutor.

Mantendo o mesmo contexto descrito, e mantendo a relevância topical como base de análise, podemos imaginar o segundo irmão que, ao contrário do seu irmão, tem mais sorte em relações amorosas. Apesar de ele não se dedicar muito nas relações, sempre encontra alguém que queira de dedicar por ele e pela relação. Porém, em relação ao trabalho, ele não tem sorte de achar um trabalho digno para a sua formação: por pouca coisa, não foi aceito nas últimas vagas de trabalho às quais se candidatou. Nesse sentido, para manifestar sua tristeza e raiva, ele afirma: “Puta que pariu, estou com um azar da porra!”. Essa sentença expressa exatamente o que esse falante sente e a afirmação intensa

expressa a precisão do seu ressentimento. Em ambos os casos, os sentimentos são de frustração. O uso do palavrão, em ambos os casos, revela percepção negativa.

Mantendo a fórmula da projeção de cenários ou contextos de interações possíveis de uso dos palavrões, elegemos mais duas sentenças para dar sustentáculo a nossa análise:

Não era pra derrubar isso aí, não, Porra! (P5, fala 5)

Porra, que lindo! (P 6, fala 3)

O palavrão em jogo aqui é “porra”, usado para manifestar dois sentimentos diferentes nas duas sentenças. Para a análise do contexto, podemos imaginar como campo social para a primeira sentença o lar familiar. O cenário imaginado: a mãe, sentada na sala, pede para o filho buscar o chá que ela tinha feito e que estava esperando esfriar para tomar. O filho vai buscar esse chá e, por distração, acaba derrubando o chá no chão e quebrando a linda taça especial da mãe. Lembrando que essa taça é especial para a mãe, porque ela ganhou como presente de casamento de uma amiga de infância com quem tem mais de trinta anos de amizade. Nessa situação, de súbito, a mãe acabou soltando a seguinte frase para o filho: “Não era pra derrubar isso aí, não, Porra!”

Por essa afirmação, podemos imaginar a raiva da mãe pelo fato de ser obrigada a recolher os cacos e a limpar o chão, a fazer outro chá e, sobretudo, a sua mágoa pela perda de uma taça de valor afetivo imensurável por ser presente de uma amiga especial. Em frações de segundos, tudo isso deve ter passado por sua cabeça. O resultado disso foi o uso do palavrão para expressar precisamente o que ela sentia através das palavras. Diante desse contexto, será impossível ao filho não entender que a mãe está brava com o seu ato, por mais que ele não tenha agido voluntariamente, mas apenas por distração. Ainda que a mãe não dissesse ao filho que ficou muito chateada com ele, o filho, a partir do contexto, entendeu muito bem o abalo emocional e o ressentimento da mãe. Como podemos observar, o caráter implícito é uma das características essenciais da língua, e ao inferir no contexto tudo se torna muito claro (HANKS; BONHOMME, 2009).

Para a segunda sentença, o contexto pode ser apresentado da seguinte maneira: o campo social é uma universidade pública ou particular, no horário de almoço. Duas amigas da mesma faculdade estão indo ao restaurante universitário para almoçar. No caminho, uma mostra a outra o colar que tinha acabado de ganhar do namorado, poucas horas antes das duas se encontrarem. Um presente de surpresa. Assim, ao estar feliz pelo fato de a amiga ter recebido um presente tão lindo, ela manifesta seu sentimento de alegria e admiração, dizendo: “Porra, que lindo!” Com essa demonstração de alegria, a amiga, além de apreciar a beleza do colar e expressar seu encantamento por ele, pode estar demonstrando também sua felicidade pela amiga ter um namorado atencioso e dedicado. Isso mostra o nível de proximidade e a intensidade de envolvimento entre as duas amigas. Nesse caso, o uso do palavrão revela percepção positiva.

Para resumir, cada um dos aspectos que descreveram e que constituem o contexto se incorporam para formar esse contexto. Por isso Hanks (2008, p. 190) assinala que:

Incorporação é um processo no tempo, e um estudo adequado do contexto no nível dos campos sociais deve observar a ordem temporal das ocupações, incluindo as ocupações das pessoas, dos objetos, dos lugares, e das ações no curso do tempo das organizações.

Ao considerar as afirmações dos participantes trazidas para a nossa análise, podemos dizer que houve uma adequação linguística ao campo social. Em outras palavras, os palavrões foram usados com adequação ao contexto onde a interação acontecia; todos os usos foram contextualizados. Isso é um hábito natural do ser humano no processo interativo. De acordo com os estudos linguísticos, o conceito de *habitus* (HANKS, 2008) leva em conta os gêneros do discurso, as formas corriqueiras de falar e de interpretar o discurso, os hábitos mentais implícitos para a representação do mundo pela língua. Assim, adequar-se ao contexto é uma característica humana e, no caso do uso dos palavrões, essa característica fica especialmente evidenciada.

CONCLUSÃO

O objetivo principal deste estudo foi entender o que leva as pessoas a usarem palavrões quando estão inseridas em uma situação de interação. Após nossa análise, concluímos que as pessoas usam, de fato, palavrões nas suas interações cotidianas para expressarem fortes emoções e expremirem sentimentos que exigem alto grau de expressividade em um dado contexto. Isso sendo feito com a precisão requisitada e a expressividade adequada a cada situação de ato de fala. Concluímos também que, naturalmente, quer a sociedade aceite ou não, os palavrões fazem parte do repertório popular. Por mais que usar palavrão seja ainda tabu em determinados contextos, não podemos negar que o uso do palavrão é um fato social da linguagem que faz parte das práticas sociais de interação e de socialização de uma comunidade. Tudo depende do contexto e do propósito do uso. Além disso, concluímos que apenas o ato interacional pode esclarecer a intenção do uso, pois, na hora de interagir, a preocupação maior dos falantes não está em avaliar o que se diz, mas sim em dizer ou compreender algo naquela situação, valendo-se, para tanto, de todos os recursos que a linguagem puder oferecer. E o uso de palavrões, conforme discutido neste artigo, é um dos mais expressivos deles.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio**; o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOFFMAN, Erving. Footing. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: Edições Layola, 2002. p. 107-148.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GRICE, Paul. Logic and conversation. *In*: COLE, P; MORGAN, J.L. (Ed) **Sintaxe and semantics**. New York: Academic Press, 1975.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites de sentido**; Um Estudo Histórico e Enunciativo da Linguagem. Campinas, SP. Pontes, 1995.
- GUMPERZ, John J. **Discourse strategies**. United Kingdom, Cambridge University Press, 1982. Vol. 1.
- GUMPERZ, John J. Interactional Sociolinguistics: a personal perspective. *In*: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. **The handbook of discourse analysis** (Eds). Australia. Blackwell, 2003.
- HANKS, William F. **Língua como prática social**; das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Org. e Tradução Anna Christina Bentes, Renato Cabral Rezende, Marco Antônio R. Machado. São Paulo: Cortez, 2008.
- HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia. São Paulo: Moderna, 2015.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo L; PEREIRA, Maria das Graças D. A Sociolinguística e Análise do discurso. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI, Celso Junior. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 123-134.
- ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. **ReVEL**; v. 9; no. 17; 2011
- PALAVRÃO. *In*: **Dicio**; Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/palavrao/>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- PALAVRÃO. *In*: **Dicionário Informal**. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/palavr%c3%a3o/> / Acesso em: 10 maio 2022.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Pragmática. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI, Celso Junior. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 197-204.
- TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Layola, 2002. p. 183-214.